

A Educação Doméstica em Campos dos Goytacazes: Uma abordagem inicial da participação da mulher.

Alexandre Pereira Mérida ¹

RESUMO

A educação doméstica foi usada ao longo do século XIX como estratégia de formação privilegiada nas famílias de elite, sendo primeiramente domínio masculino, mas que gradativamente sede espaço à participação feminina. Neste sentido torna-se relevante verificar a participação feminina nesta modalidade de educação, permitindo maior visibilidade do trabalho da mulher no século XIX. Os estudos ligados as mulheres têm se desenvolvido nas últimas décadas, o que propicia um olhar mais amplo sobre suas vivências, percepções e construções dentro da sociedade. Tendo como lócus privilegiado a Cidade de Campos dos Goytacazes na segunda metade do século XIX, pretende-se fazer um levantamento sobre a participação da mulher na educação que ocorria dentro do espaço privado, através de preceptorias ou como professoras particulares.

Palavras-chave: Educação doméstica, mulher, trabalho.

INTRODUÇÃO

Os estudos ligados as mulheres e sua participação na sociedade brasileira têm crescido nas últimas décadas, construindo-se novas narrativas sobre antigos estereótipos que, baseados numa sociedade heteronormativa e sexista, insistia em colocar as mulheres em posição de subordinação e ostracismo. A partir da década de 1970 houve uma preocupação maior por parte da historiografia brasileira sobre temas ligados a diferentes instâncias da vida em sociedade, todavia há a necessidade de ampliar as diferentes narrativas, possibilitando a visibilidade das diferentes mulheres e sua participação na vida social.

Segundo Scott (1995)

se fez necessário considerar as diferenças, múltiplas identidades e a pluralidade das vivências históricas das mulheres, o que punha em xeque não apenas a suposta singularidade feminina como também a existência de um sujeito histórico universal, o que levou à construção teórica da perspectiva de gênero para a análise das diferenças e das relações entre os sexos, considerando-as na sua historicidade e no processo permanente de construção e reconstrução das identidades sexuais (apud RIZZINI e SCHUELER, 2018, p. 124-125).

Percebe-se, dessa forma, que reconstruir “as diferenças”, as “múltiplas identidades” e “a pluralidade das vivências históricas das mulheres” é um trabalho da atual historiografia,

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – RJ. alexandremerida@yahoo.com.br

com base em novas abordagens metodológicas e novos olhares, possibilitando emergir vozes que antes foram silenciadas ao longo da história.

É importante destacar, que a história em sua maioria foi escrita por homens, dirigida a homens em um mundo controlado por homens, ou seja, a história foi produzida por máscaras masculinas que substituem o rosto feminino e influenciam na imagem que se produziu sobre as mulheres e sobre as próprias formas delas se perceberem (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2018).

Apesar de atualmente a documentação escrita não ser a única fonte utilizada para o estudo do feminino na História Antiga, os historiadores da antiguidade ainda se apoiam fundamentalmente na documentação textual e, conforme John Gould (1980, p. 38) sobre a literatura ateniense, a natureza dessa evidência disponível “é quase sem nenhuma exceção o produto de homens e dirigida a homens em um mundo dominado por homens”. Nosso acesso direto, portanto, se dá sobre o que os homens da elite, dos círculos letrados, pensavam e imaginavam sobre as mulheres através dos documentos escritos. São materializações do discurso hegemônico, e esse certamente influenciava a maneira como as próprias mulheres se concebiam e se viam (JOURDAN; VIRGOLINO; SILVA (2014, p.136).

Scott (1994) enfatiza que é necessário desenvolver uma nova história sobre as mulheres que ofereça novas perspectivas às antigas questões. Tais estudos ajudam a tornar as mulheres mais visíveis e possibilitam a reflexão sobre as atuais estratégias feministas e o futuro utópico (SEPULVEDA & SEPULVEDA, 2018).

Neste sentido analisar a participação feminina no processo de construção da educação doméstica em Campo dos Goytacazes na segunda metade do século XIX, significa reconstruir uma história de desigualdade social, mas também de conquista. Desigualdade social por não ser permitido as mulheres oitocentistas de Campos dos Goytacazes outra possibilidade que não fosse a determinada por uma sociedade heteronormativa e sexista, ou seja, segundo os padrões da época o espaço reservado as mulheres era o espaço privado, circunscrito ao lar, de superação pois muitas encontraram na educação doméstica uma forma de superar as barreiras impostas por uma sociedade que percebia a mulher como uma auxiliar, um apêndice do homem, sem o qual não poderia produzir a si mesma. Neste sentido é emblemática parte de uma série de reportagens publicadas no Monitor Campista² sob o título *Como se deve instruir as mulheres*, de 30 de março de 1884, “A educação das mulheres antigamente era muito frívola; não as façamos, porém, dotas de mais, e tomemos por divisa: - Nem bonecas, nem

² O jornal Monitor Campista, que teve suas atividades iniciadas na primeira metade do século XIX, em Campos dos Goytacazes. O Monitor Campista é considerado o terceiro mais antigo jornal em circulação no país, tendo sido inaugurado em 4 de janeiro de 1834, por José Gomes da Fonseca Parayba e Francisco José Olympio, ambos médicos e residentes em Campos dos Goytacazes.

pedantes”. Havia uma preocupação com o processo de aprendizagem das mulheres e, ao mesmo tempo, um movimento na tentativa de discipliná-lo aquilo que era adequado a uma mulher de família.

METODOLOGIA

Pesquisas recentes demonstram o crescimento das investigações ligadas à história da educação, assim como as inovações de métodos e fontes utilizadas, como a utilização de jornais na reconstrução dos processos educacionais vivenciados em uma determinada região. Faria Filho e Vidal (2003, p. 11) apontam sobre esse crescimento:

O otimismo demonstrado pelos historiadores da educação quanto às inovações pelas quais o campo disciplinar vem passando nos últimos anos, tem sido acompanhado, segundo os autores, por uma ampliação das fontes produzidas e mobilizadas pelos pesquisadores. Há uma unanimidade quanto a isto em todos os balanços realizados no final dos anos 1990. Aponta-se a continuidade de utilização de fontes tradicionalmente manipuladas pelos historiadores da educação, tais como a legislação e os relatórios oficiais, ao mesmo tempo em que se saúda, com muito bons olhos, a utilização de outras ainda não tão comuns ao meio: memórias e autobiografias, imagens, sobretudo fotográficas, revistas pedagógicas, jornais, livros didáticos e até mesmo filmes, músicas e materiais escolares.

Tem-se, então, a utilização de novas fontes historiográficas para compreender o passado e suas dinâmicas. O uso de jornais para analisar o passado vem crescendo entre os historiadores, principalmente devido a certa facilidade de acesso e, também, por ser uma forma de representação do cotidiano de uma determinada coletividade. Nesse sentido, Nóvoa (2002) assevera:

[...] é, provavelmente, o local que permite um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto de problemas dessa área [...]. São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação aos acontecimentos, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia (apud VIEIRA, 2007, p. 13).

Tal perspectiva torna-se ainda mais interessante quando se trata de temas que não fazem parte do discurso oficial, apesar de sua prática ser constatada por outras fontes – a educação doméstica, por exemplo – como será visto ao longo desta pesquisa.

Apesar do crescimento dos estudos ligados à história da educação desde a década de 1990, ainda há temas obscuros e pouco pesquisados, como a educação doméstica, que

apesar de ser citada por diferentes autores, Gomes (2002), Xavier (2000), Gondra (2008), entre outros, carece de novas abordagens e sistematizações para a sua compreensão dentro da sociedade do século XIX. Autores como Vasconcelos (2005) têm desenvolvido pesquisa específica sobre o tema. No entanto, há um vazio que precisa ser preenchido pela historiografia em relação a esse e a outros temas ainda pouco pesquisados no cenário nacional, bem como nas iniciativas locais.

Xavier (2000), ao fazer um estudo sobre o *I Congresso Brasileiro de História da Educação*, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em outubro de 2000, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e focando o período do Império Brasileiro (1822 a 1889), aponta o crescimento das pesquisas que visam a "compreender as especificidades da gênese e do desenvolvimento da escola pública, a partir do século XIX, observando como esse modelo escolar articula-se ao processo de constituição da esfera pública em nosso país [...]" (apud FARIA FILHO; VIDAL, 2003, p. 7). No entanto, outros aspectos ligados aos processos de educação existentes no século XIX e que fazem parte do nascimento da escola pública, seja confirmando-a ou negando-a, não são abordados.

Carvalho (2003 apud VIEIRA, 2007, p. 12) pondera que "a partir do final da década de 1980, um novo padrão de produção historiográfica começa a se consolidar nas dissertações de Mestrado e nas teses de Doutorado", sendo os últimos 15 anos de forte ampliação dos temas tradicionalmente trabalhados em história da educação, assim como das fontes utilizadas.

Assim, esta pesquisa pretende contribuir trazendo novas informações ao campo da história da educação, assim como a história da mulher, não negando a importância do estudo das instituições educativas, mas acrescentando novas formas de olhar o passado educacional brasileiro e verificando suas múltiplas possibilidades. Nesse sentido, ao analisar a educação doméstica, pretende-se colaborar para uma compreensão mais ampla dos processos educacionais ocorridos na segunda metade do século XIX em Campos dos Goytacazes e a participação feminina neste processo.

O contexto histórico selecionado para essa pesquisa compreende a segunda metade do século XIX, na região³ de Campos dos Goytacazes no norte fluminense. Trata-

³Uso a terminologia "região" no sentido dado por José D'Assunção Barros, em seu livro "A expansão da história", publicado em 2013, pela editora Vozes. Dessa forma, "a região, para a operação historiográfica, não é ponto de partida; frequentemente é o ponto de chegada" (op. cit., p. 175). Não se refere necessariamente ao

se de uma das principais regiões da província do Rio de Janeiro no século XIX, principalmente devido ao crescimento e fortalecimento de sua indústria canavieira, o que possibilitou a complexão das relações sociais, econômicas e culturais. Associado a esses fenômenos pode-se perceber o desenvolvimento da rede educacional na região, Campos dos Goytacazes possuía dezenas de escolas particulares e algumas públicas, além de um forte sistema de educação doméstica, tornando-se lócus privilegiado para o estudo proposto.

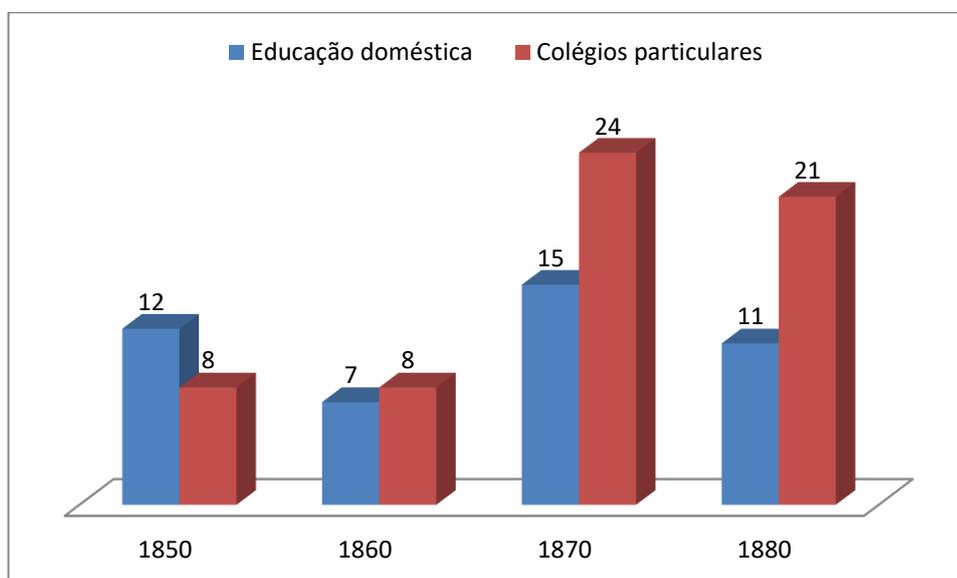
Segundo Vasconcelos (2005, p. 17), o Período Imperial caracteriza-se por ser o "de maior desenvolvimento das práticas educativas, que atendia às expectativas de uma sociedade que buscava na instrução a definição de sua própria identidade, afirmação de sua civilidade e de seus espaços de dominação." Mattos (1987) assegura essa perspectiva, ao afirmar que a política de instrução pública mantinha grande proximidade com a centralização do Estado Imperial: "Assim a instrução cumpria – ou deveria cumprir – um papel fundamental, que permitia – ou deveria permitir – que o Império se colocasse ao lado das ‘Nações Civilizadas’" (p. 259). Tratava-se de um processo de construção da "identidade" da nação, alinhavando o grande mosaico que era a sociedade brasileira de então, dando um sentido para cada estrato da população, ao mesmo tempo em que concentrava o poder nas mãos de uma pequena parcela dessa mesma sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a educação doméstica ao longo da segunda metade do século XIX e a participação das mulheres, percebe-se que houve continuidade em sua oferta e procura, mesmo com o crescimento dos colégios particulares, principalmente nas décadas de 1870 e 1880, ela permaneceu verificável nos anúncios ao longo de todo o período. Através da análise do Gráfico 1, observa-se sua oferta em relação à da educação em colégios particulares.

espaço geográfico, mas, sim, a recortes administrativos, culturais e até mesmo didáticos, para auxiliar o trabalho de reconstrução de uma determinada coletividade por parte do historiador. Tal explicação torna-se necessária, pois ao longo da pesquisa me referirei a Campos dos Goytacazes como uma região formada por diferentes freguesias, cada qual com sua especificidade. Não há espaço para a verificação da educação doméstica em cada freguesia que compunha a região de Campos dos Goytacazes no século XIX, por esse motivo, e ciente das limitações, optei por uma análise mais abrangente. As principais freguesias que faziam parte da região de Campos dos Goytacazes no espaço delimitado por esta pesquisa, são São Salvador, São Sebastião, São José, Santa Rita da Lagoa de Cima, São Gonçalo, Santo Antonio de Guarulhos, Santo Antônio de Pádua, entre outras.

Gráfico 1 – Oferta de educação doméstica e de colégios particulares na segunda metade do século XIX



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

Nas duas primeiras décadas, 1850 e 1860, a educação doméstica equipara-se, em números totais, à educação oferecida em colégios particulares e, mesmo nas décadas de 1870 e 1880, quando a educação oferecida em colégios sofre grande impulso, ela permanece constante.

Em relação aos agentes da educação doméstica, verificou-se uma incidência maior de homens em relação ao número de mulheres que se prontificavam a exercer essa atividade, principalmente nas décadas iniciais da segunda metade do século XIX. Através da análise do Gráfico 2, percebe-se que o número de mulheres na década de 1850 é extremamente baixo, se comparado com o número de homens no mesmo período. Essa situação muda nas décadas de 1870 e 1880, com o aumento dos anúncios ligados à oferta de educação doméstica por parte das mulheres. Apesar de a amostra ser menor em 1880, em relação aos períodos anteriores, é justamente nesse momento que foi encontrado certo equilíbrio entre a oferta de homens e mulheres para a função de mestres da casa.

Ao longo do período, somente em dois anúncios não foi possível identificar o gênero do anunciante, pois havia somente menção vaga a esse respeito, prevalecendo palavras como "uma pessoa", sem outros indícios que auxiliassem na identificação do gênero do anunciante. Em outros, os indícios encontrados nos anúncios facilitaram a demarcação do gênero do anunciante, como no anúncio publicado em 14 de fevereiro de

1861, no qual "uma pessoa" oferecia-se para ensinar "primeiras letras", ou ainda, "tomar conta de qualquer fazenda, onde não esteja seu dono". O fato de o anunciante se oferecer para tomar conta de uma fazenda indica que se tratava de um homem, visto não ser essa uma atribuição da mulher na época.

Interessante notar que os anúncios de professoras/tutoras encontrados no período estudado trazem um certo teor de “modéstia” por parte das anunciantes, como pode ser visto no anúncio abaixo:

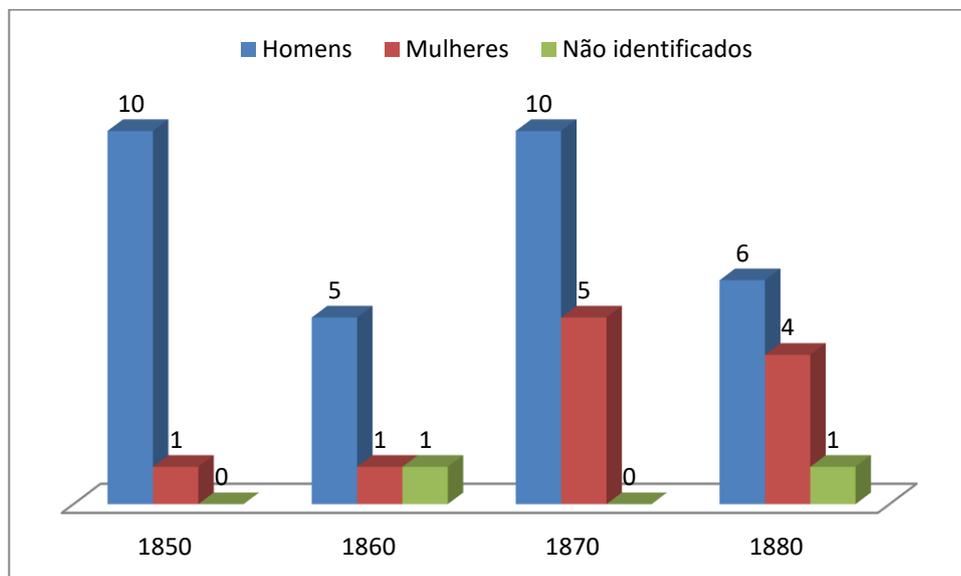
ATENÇÃO – D. Anna Candida de Andrade, professora de musica, piano, e canto, lecciona discipulas em collegios, casas particulares, offerece o seu diminuto prestimo aos illustres pais de familia que quizerem mandar ensinar suas filhas a esta arte; pode ser procurada para tratar na rua do Sacramento n. 27, das 9 às 10 horas da manhã (sic) (MONITOR CAMPISTA, 19/09/1850).

Além do fator acima citado outro que merece ser mencionado diz respeito aos conhecimentos que seriam ensinados pelas professoras/tutoras e que deveriam fazer parte da “boa educação” de uma mulher.

Uma professora – Aprovada pela instrução publica e de reconhecida moralidade, deseja empregar-se ou leccionar em casas de familias de tratamento, a crianças de ambos os sexos, o portuguez, francez, arithmética, dezenho, flôres e mais trabalhos; informações na rua do Conselho n. 88 (sic) (MONITOR CAMPISTA, 29/03/1884). Professora – Uma senhora offerece-se para ensinar portuguez, francez, flôres, bordados, trabalhos de agulha e principios de piano, na cidade de Campos ou em alguma fazenda; trata-se na escola publica do sexo feminino da Lapa, das 3 ás 5 horas da tarde (sic) (MONITOR CAMPISTA, 02, 03/01/1885).

Dessa forma, percebe-se que a educação da menina não visava sua emancipação, e sim, sua inserção dentro dos padrões ditos como “corretos” à época. Nenhuma educação é desinteressada, ou não intencional, ao contrário, é sempre interessada a alguém ou a um grupo o qual pretende conformar à sociedade. Ainda assim, pode-se perceber um crescente interesse pelo processo de formal de educação em relação as meninas da casa, ainda que somente para satisfazer os padrões sociais impostos naquele momento histórico, numa tentativa de tornar as meninas excelentes “donas de casa”, aptas para cuidarem de suas obrigações para com a sociedade. Desta forma, ao lado do ensino do “portuguez”, os bordados e trabalhos de agulha tinham um destaque e relevância considerados.

Gráfico 2 – Gênero dos agentes da educação doméstica na segunda metade do século XIX



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

Já em relação ao lugar social pretendido, conforme o Gráfico 3, verificou-se que variou ao longo do período sob análise, porém a categoria de mestre-escola foi a menos anunciada no jornal *Monitor Campista*, sendo sua maior incidência na década de 1850, com três referências exclusivas a essa categoria. Nas décadas posteriores, ela só aparece associada a outras categorias de educação, como a de professor particular. Tal fato pode significar que os mestres-escola já não respondiam ao anseio da população, ou ainda, esta categoria estaria limitada a apenas um segmento da população: caso fosse homem, ensinaria meninos; caso fosse mulher, ensinaria meninas. O mesmo não ocorreria com o professor particular que oferecia seus serviços por casas, pois estaria sob a vigilância da família do aluno.

A categoria de professor particular foi a que apresentou aumento contínuo, seja na oferta ou na demanda. Também foi a categoria que apresentou maior diversidade entre os agentes, sendo a presença feminina maior que nas outras categorias analisadas, como se verificou no capítulo três desta dissertação.

A preceptoria sofreu poucas variações, sendo sua oferta/demanda constante durante as quatro décadas analisadas. Em relação ao gênero dos preceptores, pode-se afirmar que a presença de homens foi muito maior que a presença de mulheres, mesmo nas duas décadas finais, onde o interesse pela educação feminina cresceu em Campos dos

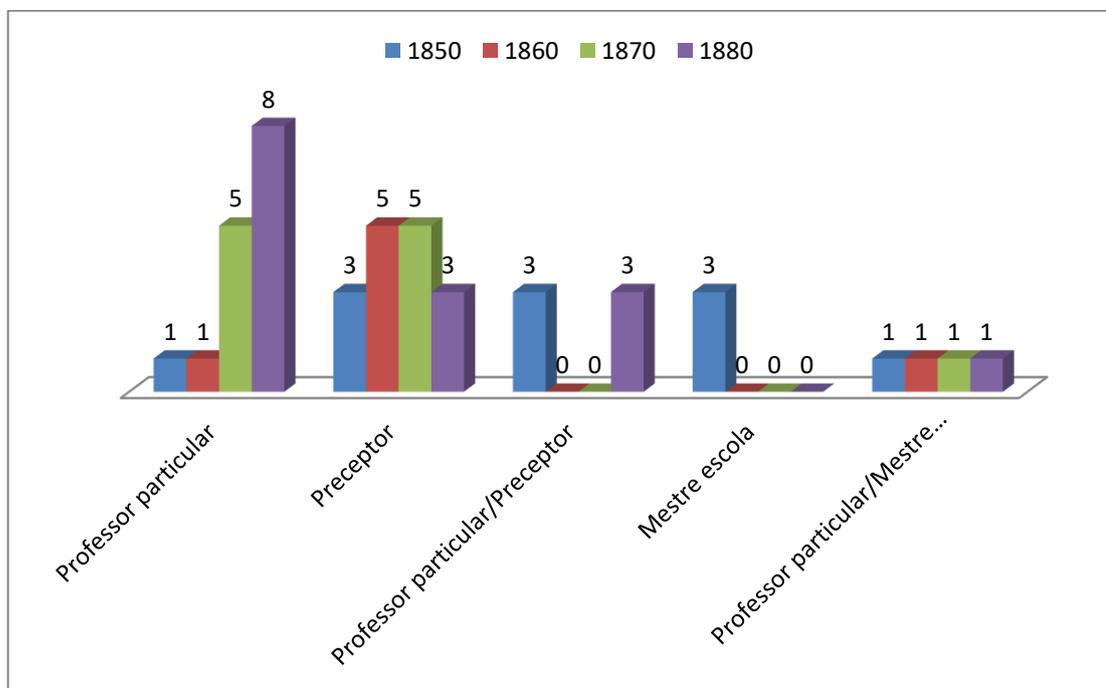
Goytacazes, com a proliferação de colégios particulares e escolas públicas para meninas. Dos 14 anúncios que faziam referência exclusiva ou preferencial para o trabalho fora da cidade, em fazendas da região, 11 se referem a homens, dois apresentavam designação vaga, como "uma pessoa", e somente três dos anúncios relacionavam-se ao trabalho de mulheres. Vasconcelos (2005) encontrou situação diferente em sua análise sobre a educação doméstica no município da Corte, como sinaliza:

Quanto ao gênero, a década de 70 marca, de acordo com a amostra analisada, o início da supremacia das mulheres nas funções relativas à educação doméstica e, conseqüentemente, o declínio do número de anúncios colocados por homens nessas funções, principalmente no que se refere a professores particulares, pois, na preceptoria, a hegemonia feminina já era observada desde a década anterior (p. 59).

Dessa forma, percebe-se que a educação doméstica em Campos dos Goytacazes esteve associada em maior número ao trabalho de professores e preceptores, sendo as professoras e preceptoras em menor número, exceção à última década, quando há uma aproximação entre os gêneros dos anunciantes. O fato de ser uma região agrária, com a maior parte da população vivendo nos campos, pode ter colaborado para a supremacia masculina. Além disso, o papel da mulher era associado ao lar, ao casamento, em sentido "lato", estava circunscrito ao domínio privado e não ao público. O trabalho como professora/preceptora parece ter sido uma concessão ou uma contingência de certas adversidades, como a morte de marido, como se verificou ao longo da análise.

Em relação à posição social pretendida pelos mestres da casa, observou-se bastante variação entre as quatro décadas estudadas, sendo a função de preceptor constante. No entanto, pode-se verificar, pelo Gráfico 3, que a posição de professor foi a mais anunciada, em especial na década de 1880, seguida dos anúncios que faziam referência à preceptoria.

Gráfico 3 – Lugar social pretendido pelos agentes da educação doméstica na segunda metade do século XIX

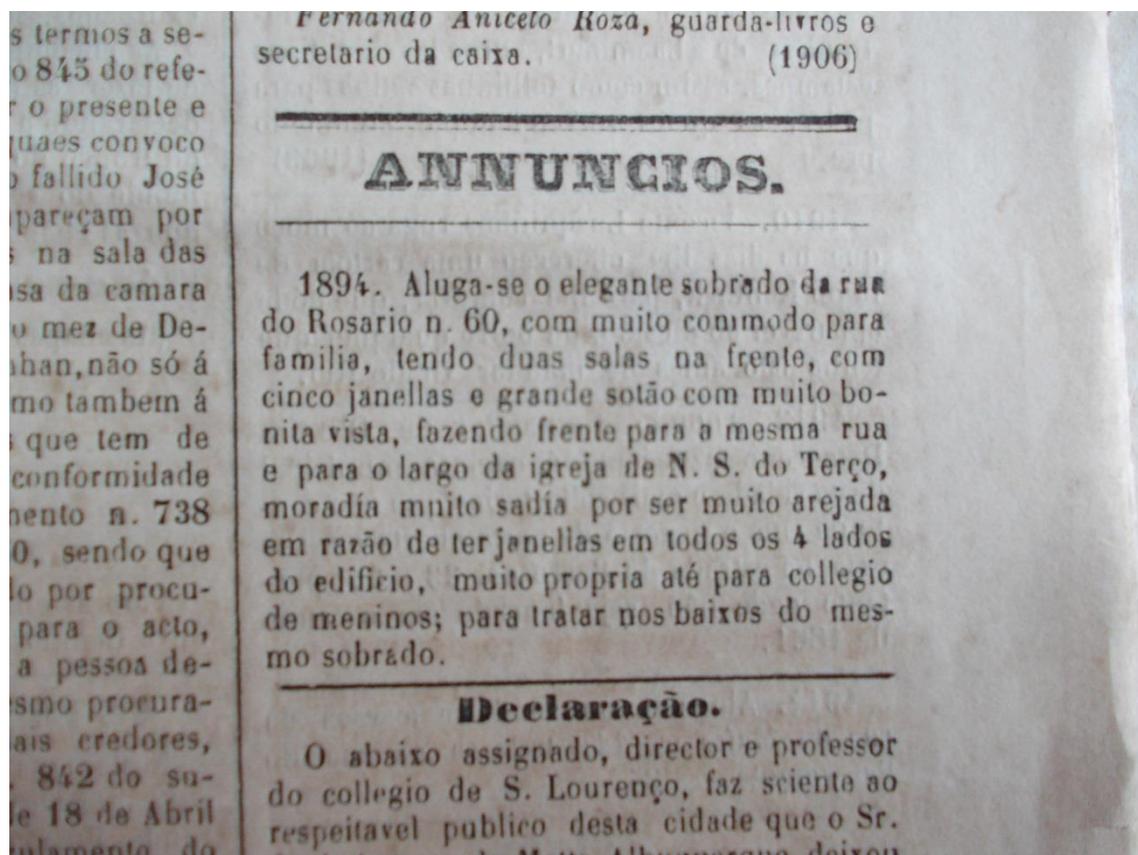


Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

Já a figura do mestre-escola vai perdendo espaço no *Monitor Campista*, sendo sua presença nos anúncios quase nula e, quando aparece, está associada à figura do professor, ou seja, o anunciante se oferece para lecionar em sua própria casa ou em casas particulares. A abertura de colégios particulares parece estar associada a esse fenômeno, uma vez que os mestres-escolas optavam por abrir colégios para receber alunos. Normalmente, esses colégios⁴ eram abertos na própria residência do professor ou em algum prédio próximo ao centro urbano, como demonstra o anúncio abaixo (Figura 1):

⁴ Havia uma diferença considerável entre os colégios para meninos e os colégios para meninas, tanto em relação a cobrança por um ambiente mais controlável e moralmente estabelecido, como os conteúdos destinados a ambos os sexos. Para maiores informações acessar: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=192302

Figura 1 – Anúncio do *Monitor Campista* de 1860



Fonte: Acervo pessoal do autor⁵.

Os colégios abertos nas décadas pesquisadas não podem ser comparados ao que conhecemos hoje como colégio, normalmente eram locais adaptados para o funcionamento dessas unidades de ensino. Como o anúncio deixa claro, o sobrado era amplo, numa das principais ruas da cidade, sua função primeira seria a moradia de uma família, porém era "muito propria até para collegio de meninos".

Sobre esse assunto, Vasconcelos (2005, p. 61) afirma que,

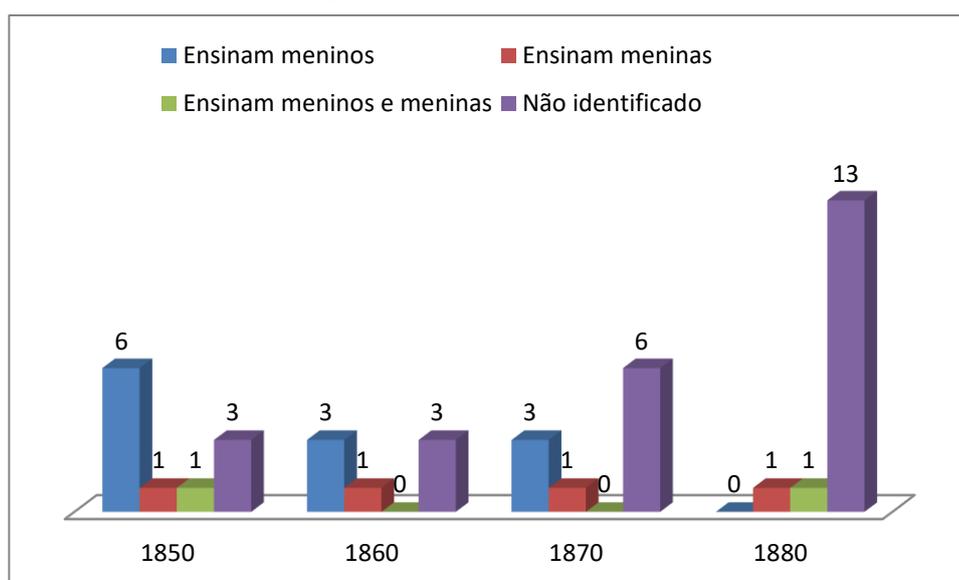
O crescimento do número de colégios particulares e a emergência da escola pública estatal foram, sem dúvida, fatores que influenciaram a mudança não só de designação, como a postura dos agentes da educação doméstica. Além disso, a perspectiva de trabalhar em colégios particulares ou em estabelecimentos oficiais, foi, pouco a pouco, seduzindo esses sujeitos, seja pela titulação recebida, seja pelo lugar social ocupado, ou, o que é mais provável, pelas condições de trabalho relativas à segurança e estabilidade.

⁵ Fotografia realizada a partir do exemplar do *Monitor Campista* de 6 de dezembro de 1860, do acervo do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Oliveira, em Campos dos Goytacazes.

Em Campos dos Goytacazes, o crescimento do número de colégios particulares parece estar associado ao interesse simbólico que as famílias de elite passaram a ter na educação. Nessa época, grande parte das grandes fortunas já haviam sido formadas e consolidadas, necessitava-se, dessa forma, de outros marcadores que fizessem a “diferenciação dos iguais”. A educação parece ter sido um instrumento de diferenciação da elite agrária na segunda metade do século XIX, em Campos dos Goytacazes.

Como verificado ao longo da pesquisa, parte significativa dos anúncios referiam-se ao ensino de meninos, no entanto, na década de 1870 e 1880, os anúncios passam a não identificar o gênero dos estudantes, havendo a presença de expressões que tanto poderiam significar o ensino de meninos, quanto o ensino de meninas. Através do Gráfico 4, é possível perceber essa variação. Nele nota-se que, na década de 1880, não há nenhuma referência direta ao ensino de meninos, a grande parte dos anúncios não identifica o gênero ao qual se destinava à educação. Tal situação contrasta com a década de 1850, quando a educação de meninos apareceu como a de maior monta – apenas três anúncios não são identificáveis.

Gráfico 4 – Distribuição do ensino de meninos e meninas na educação doméstica na segunda metade do século XIX



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

Assim, pode-se afirmar, a partir das fontes estudadas, ao logo dessa pesquisa que, apesar do crescimento de outras formas de educação em Campos dos Goytacazes, na segunda metade do século XIX, como a oferta de educação em colégios particulares e públicos, a educação doméstica continuou a ser uma modalidade muito importante, correspondendo a grande parte dos anúncios publicados no *Monitor Campista* do período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, constatou-se a importância do século XIX como gênese dos processos educativos desenvolvidos em solo brasileiro, ainda que não houvesse educação formal no período anterior. No entanto, foi durante o período imperial que os processos se tornaram mais complexos, com a interferência do Estado na construção de uma educação que favorecesse o desenvolvimento do país, assim como, fosse capaz de justificar as diferentes posições ocupadas dentro da hierarquia social. Houve uma constante interferência governamental nos processos de formalização da educação brasileira, com a criação de leis e regulamentos, como a Lei de 1827, que determinava a construção de escolas públicas para meninos e para meninas nas vilas mais populosas. Contudo, outras formas de ensinar e aprender permaneceram existindo, ora rivalizando com o poder público, ora submetendo-se a esse. Esse foi o caso da educação doméstica, que, apesar da criação de escolas públicas e uma considerável rede de escolas particulares, permaneceu existindo durante todo o século XIX.

A educação pública desenvolveu-se sob a tutela do Estado, recebendo maior atenção o ensino de primeiras letras, que ficou sob a responsabilidade das províncias. Já o ensino secundário ficou sob a responsabilidade do governo imperial, assim como o ensino superior. No caso específico de Campos dos Goytacazes, foi verificada a ausência de ensino superior, havendo somente o ensino primário e o ensino secundário.

A educação particular realizada em colégios teve grande destaque durante o período pesquisado. Como observado na investigação deste estudo, os colégios particulares desenvolveram-se ao longo de toda a segunda metade do século XIX, tanto em unidades, foram vários os colégios abertos, uns com duração regular, outros de forma efêmera, quanto em complexão dos conteúdos ensinados. Os colégios dedicados ao ensino feminino foram os que mais se aprimoraram durante o período, alcançando grande número na década de 1870, o que evidencia a preocupação com a educação da mulher na sociedade oitocentista. No

entanto, os conteúdos de ensino estavam associados a uma educação pragmática e moral, cujo objetivo era a preparação da mulher para suas funções dentro da sociedade campista de então.

A educação doméstica, aquela praticada dentro da casa por intermédio de um professor particular ou de um preceptor, pôde ser verificada já na década de 1850, mantendo-se presente nas décadas subsequentes. Ela foi utilizada como estratégia de ensino entre as camadas mais abastadas da região, para educar seus filhos, ao mesmo tempo em que lhes conferia *status* e diferenciação em relação ao restante da população.

A demanda por esse tipo de educação foi percebida por meio da análise dos anúncios publicados no *Monitor Campista*. A pesquisa demonstrou que, em relação aos agentes da educação doméstica, a procura e a oferta foram maiores para o gênero masculino e menores para o gênero feminino, principalmente nas três primeiras décadas analisadas, tal fato pode ser explicado pela própria configuração de sociedade existente em Campos dos Goytacazes no período, uma sociedade patriarcal que reservava pouco espaço para a mulher fora da casa. Entretanto percebe-se um crescimento considerado da participação feminina no processo de educação doméstico, que na década de 1860 era domínio quase exclusivo de homens e que na década de 1870/1880 tendeu a um equilíbrio maior entre homens e mulheres que se dedicavam a esse fim.

Já em relação aos sujeitos que sofreriam a ação da educação doméstica, ficou demonstrado que houve maior interesse pela educação de meninos, nas três primeiras décadas. Na década de 1880, não foram encontrados anúncios diretos sobre a educação de meninos, e somente um se referia à educação de meninas. Todos os restantes, com exceção de um, que fazia referência à educação de ambos os sexos, não especificavam o gênero dos que sofreriam a ação dos mestres da casa. Tal achado pode significar uma maior amplitude no trabalho dos professores/preceptores que poderiam atuar tanto na educação de meninos quanto na educação de meninas, conforme o interesse do contratante.

A pesquisa evidenciou ainda, que os professores/mestres que se prontificavam a trabalhar nas casas não se identificavam, preferiam o anonimato na hora de publicar os anúncios no *Monitor Campista*. Contudo, esses anúncios traziam expressões que garantiam a qualificação e a moralidade dos pretendentes a mestres da casa. Tanto nos anúncios de oferta, quanto nos anúncios de demanda, houve preocupação em explicitar a moralidade e a competência daqueles que viriam a ser mestres da casa.

No que pese à importância dessa pesquisa para elucidar a educação doméstica em Campos dos Goytacazes na segunda metade do século XIX, acredito que há ainda muito trabalho para ser realizado. Devido às limitações de tempo, distância e, principalmente, falta de acesso a certos documentos – muitos estavam sendo ainda catalogados – algumas lacunas ficaram sem ser preenchidas. Dessa forma, outras pesquisas deverão procurar ocupar os vazios deixados por esta dissertação, no intuito de "democratizar" a própria prática de investigação, ainda confinada nas universidades, nos grandes centros urbanos do país.

De toda maneira, o presente estudo fornece subsídios aqueles que se “aventurarem”, a pesquisar essa região de Campos dos Goytacazes, rica em todos os aspectos, seja em seu passado singular, seja em suas múltiplas possibilidades à história cultural, que no interior do território fluminense, “desbravado” e conquistado aos índios, viu nascer uma cidade repleta de indícios de arquitetura, música, literatura e educação.



REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. *A expansão da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem e o teatro das sombras*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. *História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual*. Disponível em: www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/artigo-Luciano-Mendes.doc. Acesso em: 25/5/2012.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *Terra e trabalho em Campos dos Goitacazes (1850-1920)*. 1986. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Rio de Janeiro: Neteroi.

———. *A colônia em movimento – fortunas e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

JOURDAN, Camila Alves; VIRGOLINO, Mariana Figueiredo; SILVA, Talita Nunes. Odisseus e Penélope: exemplos de masculino e feminino a serem seguidos na Grécia Arcaica e Clássica. In: LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Imagem, Gênero e Espaço: representações da antiguidade*. Niterói: Alternativa, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 23. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema: a formação do estado imperial*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio de. *Cinco estudos em historiografia da educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, nº. 3, Campinas/SP 1994.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Conservadorismo, gêneros e sexualidades: temáticas que se entrelaçam nas pesquisas do GESDI e do GEPCEB. In: SEPULVEDA, Denize & AMARO, Ivan.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres – a educação no Brasil de Oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.





XAVIER, Libânia Nacif. Oscilações do público e do privado na história da educação brasileira. In: Dossiê: O público e o privado na educação brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*. 1 número. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2000, p. 233-251.